

ESTREITANDO CAMINHOS PARA A APRENDIZAGEM: CARL ROGERS E A TEORIA DA APRENDIZAGEM CENTRADA NO ALUNO

Isete da Silva Sousa¹

RESUMO: Muitos são os teóricos que contribuíram para o estreitamento entre de relações entre psicologia e aprendizagem, no entanto, nessa pesquisa optou-se pela abordagem Humanista de Carl Rogers, através da Teoria da Aprendizagem centrada no aluno. O objetivo do estudo foi analisar as relações entre psicologia e educação, assim como evidenciar a importante contribuição desse estudioso para uma maior eficácia no processo de aprendizagem e desenvolvimento social e afetivo da criança. A metodologia aplicada nessa pesquisa foi a bibliográfica, através da qual foram feitas a apresentação e análise de conceitos e o pensamento de Rogers, de modo a trazer suas contribuições no campo da Educação para o contexto atual.

Palavras-chave: Aprendizagem. Aprendizagem significativa. Ensino centrado no aluno.

1. INTRODUÇÃO

Sabe-se que a Educação, avalizada pela Psicologia, proporcionou um melhor entendimento de questões habituais no ambiente escolar, como por exemplo a indisciplina, desmotivação e dificuldades de aprendizagem. Se antes esses problemas educacionais eram diretamente ligados a fatores médicos, ou mesmo identificados como responsabilidade única do aluno, hoje, graças as contribuições da Psicologia, ficou evidenciado que há diversos fatores que podem levar o educando a apresentar um comportamento diferente daquele esperado pelos educadores, e que podem levá-lo ao fracasso escolar.

Assim, a relação pedagógica, o papel da escola e as relações sociais existentes no espaço escolar, antes do incremento da Psicologia da Aprendizagem, não consideravam passíveis de análise fatores como o “mal” comportamento e a “não-aprendizagem”, que eram rotineiramente atribuídos a própria criança.

Nesse cenário, surge a Psicologia da Aprendizagem, que tem seus estudos e referenciais teóricos pautados, na maioria das vezes, em concepções que buscam entender

¹ Licenciatura Plena em Letras – UNIFAP. Com habilitação em Língua Portuguesa, Francesa e suas respectivas literaturas. Pós-graduada em metodologia do ensino de língua portuguesa e estrangeira. Pós-graduanda em Psicopedagogia Clínica e Institucional. E-mail: isete.luty@gmail.com

como o ser humano constitui seus processos de aprendizagem, recorrendo para isso às mais variadas teorias, as quais proporcionam conceitos e princípios também diversos.

Esse estudo, que tem por objetivo não só destacar o elo entre Psicologia e Educação, mas também ampliar a aplicação dessas concepções em sala de aula, abordou a Teoria da Aprendizagem Centrada no aluno, do psicólogo norte-americano Carl Rogers, adepto da corrente Humanista, que tem ênfase nas relações interpessoais, na construção da personalidade do indivíduo, no ensino centrado no aluno, em suas perspectivas de composição e coordenação pessoal da realidade, bem como em sua habilidade de operar como ser integrado.

2. CARL ROGERS, UM PSICÓLOGO A SERVIÇO DA EDUCAÇÃO

O norte-americano Carl Ransom Rogers (1902-1987) foi psicólogo clínico e psicoterapeuta que desenvolveu também um importante trabalho na área docente. A notoriedade de Rogers no contexto educacional se deu, sobretudo, a partir da década de 40, nos Estados Unidos, posteriormente, suas ideias dominaram outros países.

No Brasil, as teorias de Rogers começaram a ganhar espaço a partir da década de 70, em confronto direto com as ideias do Comportamentalismo (Behaviorismo), que teve como principal representante Skinner.

A notabilidade do estudioso deu-se por sua nova abordagem, a qual introduziu e aplicou no campo da psicoterapia e a que chamou Terapia Centrada no Cliente, ou Abordagem Centrada na Pessoa. As ideias de Carl Rogers para a educação são uma extensão da teoria que desenvolveu como psicólogo. Nos dois campos sua contribuição foi muito original, opondo-se às concepções e práticas dominantes nos consultórios e nas escolas. (FERRARI,2008)

Representante da corrente Humanista, Carl Rogers foi precursor no desenvolvimento de métodos científicos que tinham como objetivo o estudo da mudança nos processos psicoterapêuticos, vindo a criar e a desenvolver um modelo de intervenção ao qual nomeou, inicialmente como Terapia Centrada no Cliente.

Além disso, é considerado por seus pares como tendo sido, provavelmente, o mais influente teórico no campo das teorias humanísticas e da personalidade. Para Hipolito (1999), o psicólogo e a sua obra deixaram marcas duradouras tanto na psicologia,

como na psicoterapia não só americanas, mas também a psicologia e a psicoterapia em geral.

No campo educacional, Rogers defende a ideia de que o papel do professor se compara ao do terapeuta, e o aluno ao do cliente. Segundo ele, a tarefa do professor é facilitar o aprendizado, cabendo ao aluno conduzi-lo ao seu modo. Não foi por acaso que o autor ora referido considerou que o homem educado é o homem que aprendeu a aprender e que ,dentro do Sistema Educativo como um todo, deve-se buscar um clima propício ao crescimento pessoal do aluno (Rogers, 1986).

Para o psicólogo, é através do contato que se educa e o professor deve atuar de forma a facilitar o processo de aprendizagem, sendo, portanto, um educador-facilitador, uma pessoa realmente presente para seus alunos. Dessa forma, o educador não deve primar por um modelo único de facilitar o aprendizado, mas ao contrário, precisa colocar os interesses dos alunos em primeiro lugar.

O método defendido por Rogers está amparado na ideia de que o aluno deve seguir aprendendo a aprender, e o professor deve agir como um facilitador dessa aprendizagem, de forma singular e livre, com autenticidade, aceitação e confiança tanto em si, como no aluno, além de ter empatia. (Rogers ,1985)

1906

3. A TEORIA DA NÃO-DIRETIVIDADE OU ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA

Na abordagem humanista, seguida por Rogers, no desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem prevalece a “não-diretividade”. Trata-se, pois, de um método não estruturante de processo de aprendizagem, em que não cabe ao professor interferir diretamente no campo cognitivo e afetivo do aluno. Na verdade, Rogers pressupõe que o professor dirija o estudante às suas próprias experiências, para que, a partir delas, o aluno se autodirija.

Isso significa que o docente no processo educativo acreditando nas potencialidades do estudante, desenvolve seu trabalho com o intuito de propiciar as condições pedagógicas básicas para que ele elabore o conhecimento a partir de suas próprias ações, evitando determinar, dentre outros aspectos, valores, normas e regras.

A terapia proposta por Rogers (1973), denominada “centrada no cliente” ou “não-diretiva”, está pautada na crença de que o próprio indivíduo tem a motivação e a

capacidade para mudar, sendo, portanto, a pessoa mais qualificada para escolher que direção tomar.

A definição de não-diretividade passa, segundo Rogers, pelo acreditar que “o indivíduo tem dentro de si amplos recursos para autocompreensão, para alterar seu autoconceito, suas atitudes e seu comportamento autodirigido” (Rogers, 1989)

Pagès (1976, citado por Gobbi et al., 1998: 104-105), assim define a não-diretividade:

“A não diretividade é, antes de tudo, uma atitude em face do cliente. É uma atitude pela qual o terapeuta se recusa a tender imprimir ao cliente uma direção qualquer, em um plano qualquer, recusa-se a pensar o que o cliente deve pensar, sentir ou agir de maneira determinada. Definida posteriormente, é uma atitude pela qual o conselheiro testemunha que tem confiança na capacidade de autodireção do seu cliente”.

Em uma visível objeção aos demais modelos de intervenção, Rogers propõe um que confia na autonomia e nas capacidades de cada indivíduo, assim como no seu direito de optar por qual comportamento é o mais adequado.

Nesse processo, o educando passa a promover o seu próprio conhecimento, tendo o professor como mediador/facilitador do acesso à informação. Em uma abordagem sobre as teorias de Carl Rogers, Moreira assim define esse processo de ensino:

O aluno deve ser ativo, não passivo. Ela ou ele tem que aprender a interpretar, a negociar significados; tem que aprender a ser crítica (o) e aceitar a crítica. Receber acriticamente a narrativa do “bom professor” não leva a uma aprendizagem significativa crítica, a uma aprendizagem relevante, de longa duração; não leva ao aprender a aprender. (Rogers, 1969 citado por Moreira, 2010. p. 4).

Dessa forma, o aluno, nesse processo, é considerado um ser ativo, criativo, participativo e motivado a aprender. Nesse panorama, os saberes são vistos como produtos das percepções e concepções que cada sujeito forma, a partir da convivência humana, das relações sociais instituídas, das experiências vividas coletivamente.

Segundo Burak (2017), a educação na abordagem humanista, considera que os motivos de aprender são do próprio indivíduo, cabendo ao discente apenas dar suporte para que cada educando possa alcançar seus próprios objetivos: “[...] a criação de condições que facilitam a aprendizagem favorecendo tanto o crescimento intelectual como emocional de modo que os estudantes se tornem pessoas de iniciativa, responsabilidade e autodeterminação.”

De acordo com Mizukami (2003), no processo educativo baseado na abordagem humanista, o professor tem a função de facilitador da aprendizagem. Não cabe a ele o papel

de transmissor de conhecimentos, mas sim o de acompanhar, orientar e criar os processos pedagógicos afim de que os alunos possam aprender por si mesmos, de maneira significativa.

A autora assim descreve o fazer pedagógico, seguindo a proposta da não-diretividade de Carl Rogers: “[...] em si não transmite o conteúdo, dá assistência sendo facilitador da aprendizagem. O conteúdo advém das próprias experiências do aluno. [...] O professor não ensina: apenas cria condições para que os alunos aprendam”. (Mizukami ,2003,p.110)

Em suma, Rogers assegura que a educação deve despertar as forças positivas de crescimento que existem em todo ser humano e, para isso, é fundamental considerar a qualidade da relação professor - aluno, pois, todos os seres humanos, na visão dele, tem uma tendência natural para o crescimento em direções saudáveis oferecer as melhores as pessoas busquem sua própria realização.

3.1 Tríade rogeriana

Carl Rogers, apesar de ser terapeuta, como já exposto anteriormente, aplicou no contexto escolar teorias psicológicas, pois afirmava que seu trabalho lhe trazia experiência de relação com as pessoas e, a aprendizagem centrada no aluno e na sua potencialidade para aprender foi um dos aspectos que o teórico enquadrou no contexto da aprendizagem.

Inúmeras são as contribuições de Rogers no contexto educacional. Dentre outros aspectos, o autor ficou conhecido por defender a importância de o aluno ser visto de maneira global, ou seja, incluindo seus sentimentos e emoções e, principalmente, que esses aspectos emocionais sejam valorizados e respeitados.

Nesse sentido, Rogers apontou algumas condições facilitadoras para que o potencial humano de autoatualização aconteça de modo satisfatório e que ficaram conhecidas como a Tríade Rogeriana:

- Consideração positiva: engloba a aceitação, o amor e a aprovação recebidos por outras pessoas. Quando a aceitação independe dos comportamentos da pessoa, é chamada de consideração positiva incondicional. Pense na relação entre mãe e filho; muitas vezes o amor dela é incondicional, ou seja, não depende das atitudes dele. Isso não significa a ausência de limites, mas o respeito por suas opiniões, sentimentos e necessidades.

- **Compreensão empática:** é a capacidade de, temporariamente, desprender-se de suas próprias opiniões, sentimentos e julgamentos para colocar-se no lugar do outro, buscando enxergar as coisas sob seu ponto de vista por meio de uma escuta verdadeiramente atenta.
- **Congruência:** consiste na atitude autêntica diante do outro, ou seja, na capacidade de estabelecer uma relação sem máscaras, genuína e espontânea. Para que isso seja possível, é necessário que o indivíduo seja congruente consigo mesmo, (ARAÚJO; VIEIRA, 2013,p.119)

Na visão de Rogers, o ambiente escolar deve proporcionar a manifestação das três condições facilitadoras descritas acima, a fim de auxiliar o aluno no desenvolvimento pleno de suas capacidades. A tríade Rogeriana, pode ter sua aplicabilidade estendida a qualquer processo de ajuda ou relacionamento humano, no contexto educacional.

Segundo Carvalho (1980) esses três conceitos/atitudes são indissociáveis, por isso a dificuldade em compreendê-las separadamente, sendo “ , na prática, onde se inicia uma delas e onde termina a outra”. Em geral costumam ser apresentadas separadamente apenas por questões didáticas.

3.1.2 Congruência

1909

Na perspectiva de Rogers, a congruência pretende indicar o estado de coerência ou acordo interno e de autenticidade de uma pessoa, a qual se traduz na sua capacidade de aceitar os sentimentos, as atitudes, as experiências, de se ser genuíno e integrado na relação com o outro (Rogers,1985), ou seja , a congruência seria , então, o retorno para si, a concentração em si, a aceitação de si mesmo.

O autor afirma ainda que, se tais atitudes, as quais denominou de “condições facilitadoras”, estiverem presentes na relação, o indivíduo entra em processo de aceitação de si própria e dos seus sentimentos, transformando-se, então, na pessoa que deseja ser, mais flexível nas suas percepções, adaptando objetivos mais realistas para si própria e, simultaneamente, torna-se mais capaz de aceitar os outros (Rogers, 1985).

Um levantamento realizado por Placco (1978), sobre congruência, observou que as diferentes descrições do termo encontradas na obra de Rogers apresentam como elementos fundamentais a experiência, a consciência e a comunicação. Em outras palavras, o indivíduo congruente apresenta: a) disponibilidade para uma percepção contínua e completa de suas experiências; b) capacidade de tomar consciência destas suas percepções

e de simbolizá-las e c) condições de comunicar ou expressar de maneira adequada sua atitude congruente.

Em síntese, Placco (1978, p. 84) assim conceituou o termo: “congruência é a concordância entre experienciar, simbolizar e comunicar”.

Para Rogers, a congruência é tida como o mais importante aspecto a ser considerado na relação de aprendizagem, uma vez que: a) sua ausência faz comprometer a compreensão empática e a consideração positiva incondicional ; b) somente quando entra em contato com o aluno tal como é, uma pessoa real, “sem ostentar certa aparência ou fachada”, o facilitador da aprendizagem aumenta sua probabilidade de ser eficaz. (ROGERS, 1973a, p. 106).

Congruência seria, então, a atitude autêntica diante do outro, isto é, a capacidade de estabelecer uma relação sem fingimentos, simulações, genuína e espontânea. Para que isso seja possível, é necessário que o indivíduo seja congruente consigo mesmo.

Assim sendo, os ambientes educacionais devem possibilitar essa atitude, pois, sua ausência dificulta a aprendizagem, já que alunos e professores, sem passariam a negar seus próprios sentimentos, gerando um clima que desfavorece o processo educativo.

3.1.3 Aceitação positiva incondicional

A consideração positiva incondicional, ou aceitação positiva incondicional, como o próprio nome sugere, se apresenta através da afeição, da estima profunda e autêntica pelo outro, pela crença de que o próximo merece respeito e consideração, independentemente de sua condição, seus sentimentos ou seu comportamento.

Na visão de Rogers, a pessoa que é aceita, ao invés de criticada, se sente desimpedido para ser ela mesma, sem defesas e, paulatinamente, apresentar seu eu real, com padrões infantis, sentimentos agressivos, ambivalências e também impulsos maduros. A essa atitude se convencionou chamar, posteriormente, de Consideração Positiva Incondicional.

Segundo Pagès (1976):

A consideração positiva incondicional de Rogers é, digamos, um amor, mas um amor não ambivalente, diferente de todas as formas de amor-fuga, que o termo habitualmente adquire. É uma espécie de afeição desesperada e lúcida, que liga dois seres separados, unidos somente por sua condição comum de serem separados. (Pagès, 1976, p.99)

Então, a atenção que se dá a si mesmo é contrariada, negada dinamicamente pela atenção que se dá ao outro. É preciso que se distancie suficientemente de si mesmo, para que se tenha cuidado com o outro.

Durante um estudo em que procurou aprofundar a definição de Consideração Positiva Incondicional no sistema teórico de Rogers, Almeida (1980), assim a definiu:

Consideração positiva incondicional é a atitude calorosa de aceitar o outro, como ele é no momento, permitindo-lhe a expressão de qualquer sentimento, apreciando-o em sua totalidade, sem estabelecer comparações e estimando-o de forma não possessiva. É o resultado da confiança no organismo humano e, para que seja eficaz na relação de ajuda, é necessário que seja percebida pelo outro a comunicação dessa atitude (ALMEIDA, 1980, p. 102).

Assim, enquanto a congruência é o voltar-se para si, a concentração em si, a Consideração Positiva Incondicional se apresenta de forma contrária, ou seja, é o distanciamento de si, em concentração no aluno.

O termo “incondicional”, segundo Peretti (1974), não carrega o significado de indiferença, no sentido afetivo, mas sim ser “totalmente sensível”, na escuta de todos os possíveis:

A personalidade do cliente, de fato e de direito, é respeitada: ele é confirmado como outro, diferente do terapeuta, numa procura progressiva de relação EU-TU, descrita por Martin Buber. A tomada de consideração é simultaneamente (ou dialeticamente) incondicional e positiva: sua positividade se mede, na interação, pelo calor do acolhimento. (Peretti (1974, p. 191)

Rogers sustenta que “sem a aceitação compreensiva do conselheiro, a terapia não tem lugar” (Rogers, 1978, p. 279), enfatizando que o aconselhamento repousa sobre as atitudes de aceitação e permissividade, no sentido de ausência de avaliação, o que leva o cliente a colocar o problema em profundidade.

Dessa maneira, a Atitude de Consideração Positiva Incondicional fornece o suporte necessário para que o educando possa recuperar, fortificar sua autoestima, de maneira que possa experienciar aquilo que Rogers denominou de “liberdade experiencial”.

É através da Consideração Positiva Incondicional que o aluno passa a ter uma nova visão a respeito de si mesmo, e, por conseguinte, confiança na sua capacidade de desenvolver plenamente as próprias potencialidades.

De maneira geral, a Teoria da Aprendizagem Centrada na Pessoa parte do pressuposto de que não se aprende unicamente com os processos instrucionais, mas também por fatos que existem dentro e fora de si. É o que defende Rogers:

Estou certo de que esses exemplos são mais do que suficientes para mostrar que o facilitador que cuida, que preza, que confia no aprendiz, cria um clima de aprendizagem tão diferente do de uma sala de aula usual, que qualquer semelhança é mera coincidência (ROGERS, 1978, p. 116-117).

Assim, se produz uma relação interpessoal entre professor e aluno, que caminham juntos para o aprendizado significativo, ou seja, um aprendendo com o outro, de forma constante.

A Tríade Rogeriana, conforme abordado nesse estudo, são comportamentos primordiais para que a aprendizagem seja facilitada, pois despertam o desejo de aprender que flui dos próprios alunos, de maneira natural, constituindo-se num fator emocional que a concepção humanista da aprendizagem defende em sua fundamentação.

METODOLOGIA

Este estudo foi realizado sob a forma de pesquisa bibliográfica, com a abordagem qualitativa. Segundo Bosi (2012), a pesquisa qualitativa visa compreender através das leituras as informações e estudos de grandes pesquisadores a cerca de um tema, que são encontrados em fontes já publicadas.

Compuseram o referencial teórico desse estudo autores como Rogers (1986), Hipólito (1999), Mizukami (2003), dentre tantos outros que proporcionaram materiais e estudos importantes para toda a análise de conceitos e oportunizou com clareza a construção de todo o referencial teórico.

O artigo foi dividido em três seções: A primeira seção faz um apanhado sobre a visão e a contribuição de Carl Rogers para o campo da educação; A segunda seção traz à baila aspectos relevantes da teoria da aprendizagem centrada no aluno e como se enquadra o professor nesse processo; por fim a terceira seção discorre sobre a tríade Rogeriana, bem como sua importância diante do processo de ensino-aprendizagem e na relação professor-aluno do aluno.

Espera-se que esse estudo abra portas para novas considerações sobre o processo de aprendizagem, sobretudo no que diz respeito a relação entre os participantes da aprendizagem, professores e alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O modelo educativo proposto por Carl Rogers sobre aprendizagem significativa está harmônico com a proposta de mudança aplicada ao sistema educacional brasileiro, que

contempla aspectos emocionais a serem desenvolvidos no ambiente de aprendizagem.

Assim, objetivo do artigo foi dimensionar a concepção sobre a importância da relação do professor e aluno, embasado pelo princípio proposto por Carl Rogers, denominado Aprendizagem Centrada no Aluno, que sustenta a ideia de uma participação ativa dos educandos, desconsiderando o padrão de ensino pedagógico obsoleto, no qual o professor mantém-se no centro do processo de aprendizagem.

Aprofundar o estudos em Rogers, remete a uma reflexão sobre a necessidade do vínculo afetivo, a importância da comunicação, da observação dos fenômenos da natureza humana na relação professor-aluno, pois a afetividade é um movimento positivo em direção a soluções práticas para as problemáticas enfrentadas cotidianamente no ambiente escolar.

É através da prática de atitudes como a empatia, a congruência e consideração positiva incondicional que a aprendizagem significativa é aprendida, posto que submete os alunos ao entrar em contato direto com os inúmeros problemas de classe, que vão desde questões sociais a questões filosóficas e, para participar desse contexto, o aluno deve assumir com responsabilidade esse processo de aprendizagem significativa .

1913

Nesse sentido, pode-se perceber que a qualidade da aprendizagem, reside em construir a aprendizagem, não depende apenas do domínio das técnicas, mas de um ambiente e um professor que facilite o crescimento.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ALMEIDA, L.R. **Um estudo do constructo: Consideração Positiva Incondicional em Carl Rogers**. 1980. 116 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia da Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1980.

ARAÚJO, E. S. C.; VIEIRA, V. M. O. **Práticas docentes na saúde: contribuições para uma reflexão a partir de Carl Rogers**. *Psicol. Esc. Educ.*, vol. 17, n. 1, jan./jun., 2013.

BOSI, M. L. M. **Pesquisa Qualitativa em Saúde Coletiva: Panorama e Desafios**, in *Ciência e Saúde Coletiva* (Impresso), v. 17, pp. 575-586. 2012.

BURAK, D. **Abordagens no ensino de Matemática: os desafios da sala de aula na**

Educação Básica. In: ENCONTRO PARANAENSE DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA, 14.2017, Cascavel, PR. Anais... Cascavel, PR: UNIOESTE, 2004, p. 1-12.

CARVALHO, Ana Maria Quadros Brant. **Um estudo do teórico do conceito de compreensão empática nas obras de Carl R. Rogers.** Dissertação de Mestrado, PUC-SP, 1980.

FERRARI, márcio. **Carl Rogers um psicólogo a serviço do estudante.** <https://novaescola.org.br,2008>. Disponível em:
https://novaescola.org.br/conteudo/1453/carl-rogers-um-psicologo-a-servico-do-estudante?gclid=CjoKCQjAnuGNBhCPARIsACbnLzrHDr2JsisYG4BcQKfY-94UidUU3qciLjSdqectqd-mw3hbbsHs4KcaAhRhEALw_wcB. Acesso em: 02.10.2020.

HIPOLITO, J. **Biografia de Carl Rogers.** Revista de Estudos Rogerianos, A Pessoa como Centro, n.3, p.1-13, 1999.

1914

MOREIRA, M. A. **Abandono da narrativa, ensino centrado no aluno e aprender a aprender criticamente.** Porto Alegre: Instituto de Física, UFRGS. 2010.

MIZUKAMI, M. G. **Ensino: as abordagens do processo.** São Paulo, SP: EPU, 2003.

PAGÈS, M. **Orientação não diretiva em psicoterapia e psicologia social.** São Paulo: Edusp.1976

PERETTI A. **Pensées et verité de Carl Rogers.** Toulouse: Edouard Privat Editeur. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/5137/513751433015.pdf>). Acesso em: 10.10.2021.

ROGERS, C. R. (1986). **Liberdade de aprender em nossa década.** Porto Alegre: Artes Médicas

ROGERS, C.R. **Psicoterapia centrada em el cliente.** Buenos Aires: Paidós, 1966.

ROGERS, C.R. **Liberdade para aprender**. Belo Horizonte: InterLivros, 1973.

ROGERS, C.R. **Rosenberg, R. A pessoa como centro**. São Paulo: EPU, 1977.

ROGERS, C.R. **Sobre o poder pessoal**. São Paulo: Martins Fontes, 1978.

ROGERS, C.R. **Um jeito de ser**. São Paulo: EPU, 1983.